



ENTREVISTA
RAYMUNDO MAGLIANO FILHO

A REVOLUÇÃO SILENCIOSA QUE MUDOU UMA CULTURA

Para o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo a instituição vive um momento de otimismo e bons negócios por traduzir uma mudança por parte do investidor e do empresário, num quadro de visibilidade e transparência

Por Carlos Costa
Fotos Tiana Chinelli – Instante

Tranquilo e low profile (não se encontra uma linha sobre ele no site da Bolsa de Valores de São Paulo-Bovespa), Raymundo Magliano Filho se manteve econômico nas respostas durante esta entrevista concedida a *Getulio* no penúltimo dia de abril. Na animada e breve conversa – de que participou o assessor e jornalista Izalco Sardenberg – no escritório da corretora fundada por seu pai, o presidente da Bolsa só se permitiu um arroubo. Chegando ao final do encontro, animado, Raymundo deixou escapar: “Nós estamos financiando o dobro que financiou o BNDES. Ele financiou 60 milhões, nós financiamos 120. O Brasil hoje está sendo reconhecido lá fora, não só por ter mercado agrícola, também está sendo reconhecido pelo seu mercado financeiro. Daqui a pouco o pessoal vai acordar”. Nos dias seguintes a Bovespa fechava com recordes de pontuação, repercutindo a notícia de que o Brasil ganhara o título de grau de investimento pela agência de notas de crédito Standard & Poor’s – com o Ibovespa, o indicador de referência das ações brasileiras, avançando 2,21% e chegando a ultrapassar a marca dos 70 mil pontos. Segundo a instituição, informava a *Folha online*, o “Brasil mereceu este prêmio em virtude do amadurecimento de suas políticas públicas, que resultou na diminuição da carga da dívida externa e interna e melhorou a tendência de crescimento econômico”. Foi sobre essa tônica que se desenvolveu a entrevista, com os melhores momentos transcritos a seguir.



A bolsa vive um momento especial. Desde agosto de 2007 até agora ela apresentou 19% de valorização, contra 11% da Rússia, 6% da Índia e México. É a maior alta entre as bolsas de países emergentes. A que o senhor atribui esse momento especial?

Raymundo Magliano Filho Há fatores econômicos que contribuem muito no sentido de uma estabilização econômica, como o controle da inflação, a fiscalização das contas públicas e a Lei de Responsabilidade Fiscal, por um lado. De outro, temos conseguido números expressivos na exportação, na balança de pagamentos, com superávits históricos. E também por termos criado aqui no Brasil o Novo Mercado, que é um mercado em que existe uma responsabilidade maior por parte da empresa perante os acionistas, principalmente os minoritários. Esse é um fator muito importante, porque gera uma alta credibilidade. No momento em que a empresa é visível, é transparente, em que ela é obrigada a fornecer os esclarecimentos necessários para o investidor, este se sente muito mais seguro em aplicar ou investir em uma determinada ação.

O que vem a ser o Novo Mercado?

Magliano Filho Criamos na bolsa esse conceito do Novo Mercado – uma criação brasileira que se inspira no Novo Mercado da Alemanha. Novo Mercado é um segmento de listagem destinado à negociação de ações emitidas por companhias que se comprometam, voluntariamente, com a adoção de práticas de governança corporativa, atendendo

a quesitos adicionais em relação ao que é exigido pela legislação que regula o mercado de capitais. A valorização e a liquidez das ações são influenciadas positivamente pelo grau de segurança oferecido por esses direitos concedidos aos acionistas e pela qualidade das informações prestadas pelas companhias. Essa é a premissa em que se baseia o Novo Mercado. Esse novo mercado dá mais direitos aos acionistas do que está previsto na própria lei. Nele, as ações são apenas ordinárias, com direito a voto. Assim, no caso de uma empresa ser vendida, por exemplo, o poder de controle é igual para todos os acionistas. É um fator muito importante, porque o investidor sabe o que está comprando, e caso a empresa seja vendida ou haja uma fusão, ele irá receber os mesmos benefícios dos proprietários. É uma mudança importante na legislação feita pela Bolsa de Valores. E isso vem desde 2000.

Houve um mentor na criação dessa idéia do novo mercado?

Raymundo Magliano Foi um movimento que aconteceu no âmbito da Bovespa, da administração da bolsa, de que participou ativamente o presidente anterior. Quem trabalhou muito nesse projeto foi a Maria Helena Santana, atual presidenta da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), lá no Rio de Janeiro, o José Roberto Mendonça de Barros também se dedicou muito a essa idéia. Várias pessoas trabalharam e foi elaborada uma adaptação do modelo alemão. Isso deu muita força ao nosso mercado, porque o investidor se move

No Novo Mercado o investidor se move num âmbito com regras claras, acesso ao modo como as corporações gerem seus negócios

num âmbito com regras claras, específicas, ele tem acesso ao modo como as corporações gerem seus negócios, e as empresas são obrigadas a prestar informações trimestrais para os acionistas. Isso facilita enormemente a disponibilidade de informações para o investidor.

O conceito da governança corporativa faz parte dessa visão de como gerir as empresas no Novo Mercado?

Raymundo Magliano Sim, com a governança corporativa a empresa passa a ter uma visão muito mais profissional, com vários comitês, tendo uma direção composta por profissionais independentes – ou seja, não pertencem à família do dono ou do fundador da empresa. O conselho de administração deve ter o mínimo de 5 membros com mandato unificado de até dois anos, permitida a reeleição – sendo que 20%, no mínimo, desses membros deverão ser conselheiros independentes. Nós da Bovespa, por exemplo, com a abertura de capital que fizemos, temos 9 conselheiros, 4 deles ligados ao mercado de capitais e 5 independentes. Isso dá muita garantia para o investidor, pois, se há gestores independentes, eles estão lutando pelos interesses dos acionistas. Essa é uma visão nova, uma transformação da cultura de mercados capitais importante.

Pelo que se sabe, apenas 160 empresas entraram nessa ala vip do mercado. Quais são os requisitos para uma empresa entrar no Novo Mercado?

Raymundo Magliano Ela precisa ter uma visão totalmente nova em termos

de boa governança, de profissionalização de seus quadros de gestores e ter condições de mudar a visão interna de que ela é obrigada, a partir daquele momento, a ser visível, muito transparente, de dar o acesso. Ela passa da condição de ser a empresa de um dono, que tem o controle da gestão, para ser uma sociedade com cobrança pública. O acionista é que irá cobrar tudo do conselho gestor. Todos os seus atos, todas as assembleias deverão ser transparentes, com a possibilidade da cobrança do investidor. Essa visibilidade dá muita força para as empresas, porque cada vez a gestão da empresa se torna mais profissional.

Há muitos pedidos de empresas interessadas em ingressar nesse clube?

Raymundo Magliano Nós estamos tendo no Brasil uma revolução silenciosa da cultura do investidor, que está acreditando no mercado, que é um produto que tem conteúdo. O empresário também está olhando se ele realmente deseja crescer; e, se quiser se tornar um competidor de nível internacional, tem que ter sócios. E na hora em que tiver sócios ele terá de aprender a conviver com a auditoria, vai ter de se submeter a controle. É uma nova visão que está mudando o perfil do empresário brasileiro. Várias empresas que estão se constituindo hoje estão focando no novo mercado, porque sabem que nele terão um canal de financiamento permanente. Várias empresas do ramo de construção começam a participar desse novo mercado, alguns frigoríficos brasileiros se capitalizaram de modo a

até comprar frigoríficos lá fora. O novo mercado dá condições de competir nacionalmente e até de comprar empresas internacionais, como é o caso da própria Gerda, que vem comprando uma série de empresas no exterior, aumentando sua competitividade. É uma condição importante para aquele que quiser competir e se tornar uma empresa global, ampliando sua área de atuação.

Em síntese, quais os requisitos para um grupo familiar ingressar no Novo Mercado?

Raymundo Magliano Está tudo no site da Bovespa: a entrada de uma companhia no Novo Mercado ocorre por meio da assinatura de um contrato e implica a adesão a um conjunto de regras societárias, genericamente chamadas de “boas práticas de governança corporativa”, que, como disse, são mais exigentes do que as presentes na legislação brasileira. Essas regras, consolidadas no Regulamento de Listagem do Novo Mercado, ampliam os direitos dos acionistas, melhoram a qualidade das informações usualmente prestadas pelas companhias e favorecem a dispersão acionária e, ao determinar a resolução dos conflitos societários por meio de uma Câmara de Arbitragem, oferecem aos investidores a segurança de uma alternativa mais ágil e especializada. A principal inovação do Novo Mercado, em relação à legislação, é a exigência de que o capital social da companhia seja composto somente por ações ordinárias. Porém, essa não é a única inovação, há outras mais.

Poderia dar alguns exemplos?

Raymundo Magliano Para ficar num caso concreto, a companhia participante do Novo Mercado tem como obrigações adicionais a extensão para todos os acionistas das mesmas condições obtidas pelos controladores no caso da venda da empresa. Há, além disso, a realização de uma oferta pública de aquisição de todas as ações em circulação, no mínimo, pelo valor econômico, nas hipóteses de fechamento do capital ou de cancelamento do registro de negociação no Novo Mercado. Como já disse, o conselho de administração precisa ter um mínimo de cinco membros, sendo dois independentes. E, sobretudo, transparência nas informações prestadas, abertas ao público, com demonstrações financeiras trimestrais. Essa normatização prevê ainda a realização de reuniões públicas com analistas e investidores, ao menos uma vez por ano.

Há uns vinte anos tínhamos um pujante setor de autopeças, com empresas como Cofap, Varga. Quase todas desapareceram. Se na época houvesse o Novo Mercado elas teriam...

Raymundo Magliano Se tivesse o novo mercado, se realmente elas tivessem evoluído, se adaptado à abertura de capital, sem dúvida teríamos outra história para contar. Mas as condições também eram muito diferentes no país. Estávamos em uma época difícil, com inflação alta, uma falta de reservas muito grande. As condições de mercado não eram favoráveis para a abertura, mas a Gerda sempre foi muito



A Gerda é um exemplo de empresa do Novo Mercado, ela vem comprando empresas no exterior, aumentando sua competitividade

coerente, abrindo e aumentando o capital, e hoje está comprando várias siderúrgicas lá fora. Mas várias empresas, infelizmente, e o exemplo do setor de autopeças é um deles, não caminharam nesse sentido e foram vendidas.

A solidez das empresas e da economia dá consistência à Bolsa nesse momento e a forte presença das produtoras de commodities também: 30% do movimento da bolsa é ancorado na Petrobrás. E há uma previsão de chegar a dezembro com uma valorização de 20%. Essa previsão é correta?

Raymundo Magliano A nossa preocupação é transmitir sempre ao investidor, ao pequeno poupador, a idéia de que a aplicação na bolsa é um investimento de longo prazo, além de cinco anos. Não nos preocupamos com a valorização até dezembro [risos]. Bolsa também é mercado de risco, é fundamental saber. Essa é a mensagem que nós damos para todos os investidores, e nunca nos preocupamos em fazer qualquer projeção de curto prazo. Faz parte dessa cultura não nos preocuparmos com projeção da valorização das ações,

da valorização das companhias. Então, não vou avaliar essa previsão, porque foge do princípio da Bolsa de Valores de dar qualquer indicação se ela vai subir, se vai descer. Isso fica por conta dos investidores e dos analistas de mercado, eles é que têm de fazer a análise da companhia, saber que esse é um mercado de risco. E, sobretudo, é bom insistir com o pequeno investidor que esse é um mercado de longo prazo, que convém ter uma carteira diversificada. Essa visão é a que importa.

O senhor acaba de falar em pequeno investidor e a Bovespa investiu muito na conscientização desse segmento com campanhas como a Bolsa Móvel. O pequeno investidor tem condição de acompanhar a complexidade do movimento do mercado de capitais?

Raymundo Magliano Tem, sem dúvida. O que nos ajuda muito, hoje, é o desenvolvimento da informática e da internet e com todos os seus recursos. Nós temos várias corretoras que dispõem de site com excelente navegabilidade e o investidor tem acesso a esses portais e pode se informar sobre

quais são as recomendações que essa corretora faz, qual a avaliação da economia e com que cenários essa corretora trabalha. O pequeno investidor fica bem informado sobre os investimentos, as alternativas, e isso facilita muito o poder de decisão de cada um. Se ele entrar no site de uma corretora, terá fácil acesso a essas recomendações, com análise das empresas, avaliação da economia. Hoje há esse acesso com transparência. A decisão do pequeno poupador, se ele tomar o devido cuidado de conversar com uma corretora, será bem embasada, sem dúvida. Ele tem condições de decisões maduras, de saber bem o que está fazendo, pois recebe, o que é fundamental, a orientação da sociedade corretora, que funciona como um consultor.

Há ainda as associações de poupadores, não?

Raymundo Magliano Sim, são os clubes de investimento, e eles cresceram muito nos últimos anos. Hoje temos mais de 2.300 clubes, que são uma reunião, um grupo de pessoas que todo mês pode entrar com um percentual, a cada dois, três meses, reúne um valor em dinheiro que aplica diversificadamente no mercado de ações. Há o Clube das Professoras, o Clube dos Engenheiros. Como se fosse um condomínio. Isso facilita a difusão de uma cultura de mercado de capitais. É uma forma muito pedagógica do mercado, a constituição e formação dos clubes de investimento.

O senhor diria que está havendo uma mudança no perfil do poupador brasileiro?

Raymundo Magliano Está, sobretudo com as mulheres entrando nos mercados de capitais. Nós temos um grupo na bolsa que se chama Mulheres em Ação, e elas disseminam muito a cultura do investimento e a formação do patrimônio em longo prazo. Como as mães geralmente têm uma responsabilidade maior pela educação dos filhos, com a formação do patrimônio e também da aposentadoria, elas disseminam essa cultura na família e começam a colocar na mente da criança "Olha, vamos começar a poupar para que mais tarde você possa ter o seu consultório, o seu carro". Isso sensibilizou a sociedade brasileira e nós temos um número expressivo de

clubes formados por mulheres.

A Bovespa investiu forte no Bovespa Mais, atraindo pequenas empresas para se capitalizar. Como o senhor avalia esse momento?

Raymundo Magliano Quando nós criamos o Novo Mercado, que é muito democrático, aberto, com ações ordinárias, nós não poderíamos nos cingir única e exclusivamente às grandes empresas. Nós sabemos que, no Brasil, grande parte da oferta de emprego é proporcionada pelas pequenas e médias empresas, principalmente empresas localizadas no interior do país ou perto das grandes cidades. Então nos preocupamos em criar esse programa Bovespa Mais, que foca especialmente pequenas e médias empresas, com o objetivo de que no futuro elas possam se tornar grandes empresas, com a abertura de capital. É uma tendência grande, sobretudo se olharmos ao longo do tempo, as empresas grandes cada vez terão menos para onde abrir. É que nem nos Estados Unidos, há megaempresas do porte da General Motors, por exemplo... e chega um momento em que as novas empresas, as pequenas, é que irão abrir o capital. A tendência, no futuro, é ter um número expressivo dessas novas empresas que irão aparecendo, porque as grandes já chegaram no limite da expansão. O IBGE fez um estudo sobre as empresas no Brasil e viu que o número de pequenas e médias empresas no país gira em torno de 64 mil. É uma gama de empresas com um enorme potencial de abertura para o mercado.

A bolsa se apresenta como uma alternativa de captação de recursos para essas empresas, ocupando um lugar que no passado foi de bancos de fomento, como o BNDES?

Raymundo Magliano Eu acho que são fontes complementares de financiamento. O BNDES se preocupa muito em incentivar o espírito empreendedor das pequenas e médias empresas. O Bovespa Mais é complementar. No início uma empresa de médio porte pode ter um financiamento do BNDES e depois buscar novas captações aderindo ao Bovespa Mais. A empresa que está sendo financiada hoje pelo BNDES já tem uma visão de no futuro entrar no Bovespa Mais para buscar outro tipo



O IBGE detectou cerca de 64 mil pequenas e médias empresas no país. Elas têm um enorme potencial de abertura para o mercado de capitais

de capitalização. Essa é a tendência. E o BNDES é um banco de desenvolvimento que trabalha muito em parceria com a bolsa.

Há uma crítica de que o BNDES destina recursos a empresas e grupos que não precisam desse suporte, por terem porte e condições se capitalizar recorrendo ao mercado, como a Vale ou o recente caso da fusão da Brasil Telecom com a Oi. O senhor concorda?

Raymundo Magliano Não vou cair na armadilha de responder a essa pergunta [risos], eu falo sobre a Bovespa, que é minha área de eficácia [risos].

Em agosto de 2007 a bolsa se reestruturou, criando a Bovespa Holding, desmutualizando-se, e passa a ter fins lucrativos. Esse foi um patamar do atual salto?

Raymundo Magliano Essa é uma tendência mundial, pelo menos 75% das bolsas do mundo são desmutualizadas, porque as bolsas mutualizadas

existiam quando os corretores tinham títulos patrimoniais. O fato de as bolsas se transformarem em companhias abertas facilita na hora em que quiserem participar mais globalmente no mundo, fazer incorporações, troca de ações. Elas têm condições societárias que facilitam participar desse mundo global. O mundo moderno precisa que as bolsas sejam desmutualizadas para que possam, cada vez mais, ter essa interligação, fazer grandes conexões. Várias bolsas do mundo passaram por movimentos de fusão, de incorporações, como a que ocorreu entre a NYSE [New York Stock Exchange, a bolsa de Nova York] e a Euronext [a bolsa européia, integrada pelas bolsas de Amsterdã, Bruxelas, Lisboa e Paris e o mercado de derivados de Londres]. Ou seja, tendo ações, há condições de buscar sócios ou parceiros internacionais.

Essa desmutualização não cria um elemento de risco, no caso de ser adquirida por outra bolsa? Ou seja, a Bolsa



Temos mais de 2.300 clubes de investimento, o Clube das Professoras, o dos Engenheiros, pessoas que todo mês aplicam no mercado de ações

de Nova York poderia comprar ações da Bovespa, chegando a ter o controle?

Raymundo Magliano Foi justamente essa idéia que esteve por trás da integração da Bovespa com a BM&F, a de torná-las pujantes e grande o suficiente para que, caso outros interessados queiram entrar no jogo, venham mas tenham que enfrentar com muita força. Uma das maneiras de fortalecer bastante o mercado interno foi a integração das duas bolsas. Além disso, há um item importante: criamos uma cláusula no estatuto, e segundo ela não importa a quantidade de ações que um investidor tenha, nas assembleias ele só pode exercer até 7% dos votos. Foi bem pensada a coisa. Digamos que essa é uma operação blindada, para garantia do pequeno poupador.

Em sua avaliação, o mercado vive um bom momento ou ótimo? O senhor é otimista?

Raymundo Magliano O que sentimos de um modo muito forte é que está se processando no Brasil uma mudança cultural. Não só por parte do investidor, mas por parte do empresário. Devemos cada vez mais caminhar para um mercado de capitais mais maduro e mais sustentável.



A agilidade do nosso sistema financeiro não existe na Europa; na França não é possível fazer pagamento de uma cidade para outra no mesmo dia

Comparando com os demais países emergentes, China, Rússia, Índia, como o senhor coloca Bovespa?

Raymundo Magliano O mercado brasileiro está muito bem estruturado. Como passamos por períodos de inflação altíssima, nós acabamos por desenvolver um sistema financeiro de primeiríssima qualidade. Altamente afinado. Temos quadros de profissionais de alto gabarito. Esse sistema brasileiro de pagamento não existe na Europa, lá você não consegue isso, não é possível fazer um pagamento na França de uma cidade para outra no mesmo dia. A agilidade do sistema financeiro brasileiro é ímpar. Temos um Banco Central muito eficiente, uma Comissão de Valores Mobiliários da melhor qualidade. Nós temos na bolsa uma auto-regulação, temos o Novo Mercado, com uma estrutura muito sólida.

Qual é a posição da Bovespa no ranking mundial?

Raymundo Magliano Agora com a fusão com a BM&F, nos tornamos a terceira bolsa, atrás apenas da bolsa alemã e da bolsa de Chicago. A de Nova York passamos em valor patrimonial, não no volume de negócios e operações. Mas em termos tecnológicos estamos à frente da Bolsa de Nova York. O nosso home

broker, em que o corretor movimentava ações operando de sua casa, torna nosso sistema mais avançado que o americano. Nós temos no Brasil alguns lugares de excelência como a Vale, a Embraer. O agronegócio brasileiro é competetíssimo, à altura de nosso mercado de capital e de valores. Esses outros países citados, como China, Rússia ou Índia, têm o peso de uma cultura muito diferente. Na China o Judiciário está atrelado ao Executivo, então as garantias são menores, pois decisões de conflito dificilmente serão independentes. Aqui temos a independência entre os poderes, Executivo e Judiciário podem reclamar um do outro, mas em última análise um juiz sempre é independente ao proferir uma sentença. A Índia vive uma situação mais complexa, com o peso da tradição das castas. O contato do mundo dos negócios ocidental com esses mundos é mais difícil. O nosso mercado apresenta um maior número de regulação, de normas e procedimento, com mais garantias. Por isso que ele está se desenvolvendo com mais solidez.

Uma consultoria de investimentos afirma em seu site que tudo o que sobe desce, e prevê que a bolsa está à beira de uma derrubada, pois cresceu demais. Diz que até o fim do ano a Bovespa terá uma queda feia.

Raymundo Magliano Isso é difícil de prever. Ninguém sabe [risos].

O efeito tequila é coisa do passado? Estamos blindados contra crise com a do México em 1994, na onda da crise da Rússia e dos Tigres Asiáticos? Estamos desligados daquela fragilidade?

Raymundo Magliano Desligado ninguém está. O mundo hoje é global, tudo acontece online. Há países, em determinados momentos, que estão com a economia fortalecida. Estamos com reservas, política econômica controlada, inflação controlada, expansão grande na exportação, bom saldo na balança de pagamentos. Existem vários indicadores que demonstram que a contaminação de uma crise internacional, no Brasil, é muito menor agora.

A bolsa desenvolve algum trabalho de promoção social?

Raymundo Magliano A Bolsa tem

um trabalho forte nessa área de promoção social e ambiental, e o Izalco Sandenberg, meu assessor de imprensa, fica agora com a palavra. Ele é o superintendente desse setor.

Izalco Sandenberg Essa é uma área que nós desenvolvemos nos últimos sete anos e que tem como principal projeto a Bolsa de Valores Sociais e Ambientais (BVSA), uma iniciativa pioneira que tem a grande qualidade de funcionar na área social com as características de uma bolsa de valores. A gente capta recursos de pessoas jurídicas e físicas e os transfere para ONGs que atuam nas áreas social e ambiental, com a mesma segurança, credibilidade e eficiência com que a Bovespa opera no mundo dos negócios.

Há algum trabalho concreto em andamento?

Izalco Sandenberg Desde 2003 já captamos 9 milhões de reais e esse dinheiro foi aplicado em 70 projetos de ONGs em todo o Brasil. Essas ONGs são auditadas por nós e fiscalizadas com o objetivo de poder justamente dizer para a pessoa que irá doar o recurso "Olha, não precisa se preocupar, porque está doando para uma instituição que é séria e que desenvolve um trabalho com o aval da Bolsa". Nós fiscalizamos e damos a credibilidade. Essa BVSA se tornou um modelo reconhecido pela Unesco, que recomenda que seja aplicado em outras partes do mundo. Na África do Sul há um projeto semelhante da bolsa local que se inspirou na nossa BVSA.

Raymundo Magliano Nós fizemos uma transformação de uma bolsa elitista para uma bolsa popular, usando e aplicando alguns dos conceitos filosóficos do Norberto Bobbio. Ele ensina que democracia é visibilidade, transparência e acesso. Foi isso que aplicamos na Bovespa. Criamos o cargo do ombudsman, desenvolvemos parcerias com as forças sindicais, criamos esse Novo Mercado, temos esses projetos visando à responsabilidade social, fizemos parceria para divulgar os conceitos da bolsa e do mundo do mercado mobiliário junto ao Judiciário, temos projetos de educação financeira. Realizamos um trabalho muito bonito.

Quando o senhor nasceu, a empresa do seu pai já existia. O que quer dizer o lema



Em tecnologia estamos à frente de Nova York. Nosso home broker, o corretor operando em casa, é mais avançado que o sistema americano

da empresa, "corretora número 1"?

Raymundo Magliano Quer dizer que ela foi a primeira corretora que se registrou na bolsa. Nós éramos corretores oficiais de fundos públicos. Aí houve uma mudança na legislação e nos transformamos em pessoa jurídica, nessa transformação fomos a primeira corretora a se registrar na Bolsa, por isso o número 1, mas a empresa tem uns 70 anos.

O senhor se formou em Administração de Empresas na Fundação Getúlio Vargas. De onde vem seu amor pela filosofia?

Raymundo Magliano Depois que terminei a faculdade, me interessei pela leitura de autores clássicos, e tive um professor, o Tércio Sampaio Ferraz. Estudei filosofia com ele durante 19 anos. Tinha aula particular. Toda a minha formação humanística foi dada por ele. Depois fiz curso de antropologia e atualmente tenho aula com a professora Claudia Perroni, e estudamos a Hannah Arendt. Se nós não estudarmos os clássicos, teremos dificuldade de mudar o conceito e o conhecimento. Essa foi a

razão por que mergulhei no estudo do Bobbio. Quando definimos a estratégia da Bolsa, foi uma estratégia democrática, de visibilidade, de transparência. Essas ações da Bolsa não são estratégia de marketing, de apelo comercial, mas estão embasadas em conceitos filosóficos, são aplicações de idéias do Norberto Bobbio, e por isso têm sustentação.

Em resumo, o sucesso da Bovespa não deixa de ser resultado de leituras do Bobbio.

Raymundo Magliano O que está acontecendo no Brasil de mais importante, é que está havendo uma revolução silenciosa. A mudança cultural está se processando, não só sob a ótica do investidor, mas também do empresário. Eu sou um liberal, mas usando uma terminologia do Gramsci, que é marxista, nós gostaríamos que algumas idéias se tornassem idéias hegemônicas. Como a criação de patrimônio, o investimento de longo prazo, a busca de empresas mais profissionais... O ideal seria que essas idéias permanecessem hegemônicas. 